

# O EU FEMININO EM FORMAÇÃO EM *UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES*, DE CLARICE LISPECTOR, NA ÓTICA DO AMOR PLATÔNICO

<sup>1</sup>Maria Gabriela Lima Gomes.

<sup>2</sup>Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jane Adriane Gandra.

**Resumo:** Aprender e ensinar não é uma tarefa simples nem para o mentor e, tampouco, para o aprendiz. O presente trabalho dedica-se à análise das obras *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, sob a perspectiva do conceito de Amor discutido em *O Banquete*, de Platão. Com isso, pretende-se verificar se a formação do Eu feminino na obra clariciana se aproxima da essência do “amor platônico”. No ficcional modernista, a protagonista Loreley passa por inúmeros rituais de passagem, como forma de amadurecimento, para só assim estar em sintonia com o amor ofertado por Ulisses. Para as etapas de interpretação e comparação entre as obras *corpus* deste estudo, utilizou-se como método de pesquisa a revisão bibliográfica: atividades de leitura, releituras, estudo comparativo entre as temáticas centrais que envolviam os conceitos de Amor e a relação amorosa entre os protagonistas de *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Certo é, que Lispector desenha uma história paradigmática, não apenas pelo fato de iniciá-la com uma vírgula e a “encerrá-la” com dois pontos, mas, por trazer uma narrativa em que os personagens aprendem a amar de uma maneira nada convencional no que diz respeito aos romances românticos tradicionais. Durante o seu processo de formação e busca do seu Eu, Loreley passa pela *via crucis* ao abarcar numa viagem internalizada de muitas dúvidas, desejos, angústias, temores e, por fim, o seu maior sonho, EXISTIR (AMAR). Passar do mundo sensível para experimentar o mundo intangível, exigiu de Loreley muita sabedoria, competência esta que ela nunca pensara possuir. Enquanto que, para Ulisses, participar desta aprendizagem exigiu dele muita benevolência. O universo clariciano dialoga com a filosofia platônica no sentido de que o amor verdadeiro é o encontro de almas.

**Palavras-chave:** Amor. Alma. Eu. Aprendizagem. Existir.

**Abstract:** Learning and teaching is not a simple task neither for the mentor, nor for the learner. The present work is dedicated to the analysis of the works *A Learning or The Book of Pleasures* (*Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*), from Clarice Lispector, from the perspective of the concept of Love debated in Plato's *The Banquet*. (*O Banquete de Platão*) Thus it is intended to approach that the generation of the feminine Ego in the work of Clarice is very close to the essence of "platonic love". In the modernist fictional, the protagonist Loreley goes through countless rites of passage, as a way of personal maturation, and be able to be connected with the love offered by Ulysses. For the interpretation stages and simile between the corpus works of this study, the bibliographic review was used as reading method: reading activities, rereading, comparative study between the main themes that involved the concepts of love and the love relationship between the protagonists of *An Apprenticeship or The Book of Pleasures*. It is sure that Lispector draws a paradigmatic story, not only by possuir initiating it with a comma and "enclosing it" with two points, but by bringing a narrative in which the characters learn how to love in an unconventional way regarding to traditional romantic novels. During its development and seeking process of searching for his "I", Loreley goes through the crucis way by boarding in an internalized journey of many doubts, desires, anxieties, fears and, finally, her greatest dream, EXISTS (LOVE). Moving from the sensitive world to experiencing the intangible world, demanded a lot of wisdom, a competence from Loreley that she had never thought to have. Whereas, for Ulysses, participate in this learning required from him a great deal of benevolence. The Clarician universe dialogues with Platonic philosophy in the sense that true love is the encounter of souls.

**Keywords:** Love. Soul. Me. Learning. Exist.

---

<sup>1</sup> Maria Gabriela Lima Gomes, graduanda em Licenciatura em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Posse (GO), e-mail: gabiiiiillima@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Posse (GO), e-mail: jane2316gandra@gmail.com.

## 1. Introdução

Sendo *O Banquete*, de Platão, uma obra além de seu tempo, pretende-se, dessa maneira, aproximar suas concepções sobre o amor à obra de Clarice Lispector, *corpus* deste trabalho, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*<sup>3</sup>. Este livro de Clarice, traz uma interessante abordagem sobre o amor e as relações interpessoais sendo, portanto, o motivo da escolha dessas duas importantes obras. Em sua obra, Lispector exalta ainda o amor azul experienciado pela protagonista Loreley e pelo seu par romântico, Ulisses.

O tema deste artigo, “O eu feminino em formação em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*”, na ótica do amor platônico, foi extraído das entranhas. Tratar de amor é um grande desafio, senão o mais complexo, uma vez que, embora seja ele universal, são várias as formas de interpretá-lo, defini-lo e, o mais importante, vivê-lo. Alguns conjecturam nunca terem amado, outros assimilam a uma experiência traumática, outros como um sentimento que traz felicidade e causa o bem. Seguindo essa linha de pensamento, tratar de amor é extremamente relevante. Amar é tão importante quanto respirar, pois o amor é essencial para a vida. Sem ele, a vida se torna obscura, ainda que ofuscante, solitária, ainda que impelida de afago e sem sentido, ainda que cheia de motivos para viver.

Segundo críticos, há uma errônea interpretação sobre o “amor platônico”, conjecturando-se que este é como uma labareda de fogo, uma paixão momentânea vivida intensamente e logo sessada. Entretanto, isso não é verídico. O “amor platônico” é na verdade um fenômeno causador do bem. É o que chamamos amor verdadeiro. Aquele que vence os estranhamentos e que conduz o homem ao que é divino, a sua completude.

Em *O Banquete*, Platão apresenta uma linha de pensamento de excelência ao tratar do amor como um caminho para divindade. Composta de diálogos, o primeiro discurso é de Fedro, o segundo de Pausânias, depois Erixímaco, Aristofanes,

---

<sup>3</sup> Por se tratar de um título muito expandido e que será citado diversas vezes. A partir de agora usar-se-á em seu lugar a sigla: (UALP).

Agatão e o mais esperado dentre todos, pode-se dizer assim, o discurso de Sócrates. O *Banquete* possui lugar certo, se deu na casa de Agatão, sendo Fedro o pai da ideia, uma vez que, foi ele quem iniciou o elogio ao amor. Os filósofos acima mencionados tentam conceituar Eros, cada qual a sua concepção. Ambos dizem que o amor é o mais antigo dentre os deuses, com exceção de Agatão, que expõe o seu elogio a Eros, como sendo ele o mais jovem dentre os deuses.

A teoria platônica acerca do amor confere que, por meio dele, a humanidade pode viver em harmonia e ser feliz, pois quando praticado de maneira boa e para o bem, os seres humanos serão glorificados.

Desde os primórdios da humanidade, valorosa atenção é despendida no que diz respeito a entender e conceituar o Amor. Deste modo, Clarice Lispector, em sua obra UALP, desenha um casal que mergulha numa aprendizagem em busca da plenitude. Observa-se, portanto, que entre Loreley e Ulisses se dá um encontro de almas.

Loreley, a aprendiz, é uma mulher que nasceu numa cidade do interior, chamada Campos. De família tradicional, sempre teve o sonho de romper com a proteção patriarcal e ser uma mulher livre. A primeira tomada de decisão foi mudar-se para o Rio de Janeiro. Todavia, sendo professora primária, com uma suposta autonomia, tendo uma vida sexual ativa, a vida ainda não lhe parecia satisfatória, faltava-lhe algo. Para ela, estava claro que sair do seio paterno não foi o suficiente para que ela se sentisse independente. Para se libertar, ela precisou mergulhar no mais profundo de seu Eu, pois só assim poderia dizer que existia e sair de uma vida de faz de conta.

Portanto, pretende-se por meio deste artigo, verificar as concepções sobre o amor propostas por Platão, em *O Banquete*, fazendo um contraponto acerca do amor entre Loreley e Ulisses em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Além da teoria platônica, como cerne, apresentar-se-á outros pensadores sobre os conceitos de amor.

## 2. Materiais e métodos

Este trabalho pretendeu analisar a formação do eu feminino na obra *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, sob a ótica do amor platônico. Como metodologia, utilizou-se a revisão bibliográfica. Para tanto, foram necessárias leituras de *O Banquete*, de Platão; outros estudos que discutem sobre o tema amor bem como dissertações de mestrado e teses. Para a organização das ideias, foram feitos fichamentos acerca das obras estudadas, com os devidos apontamentos. Depois, foram realizadas muitas releituras com o objetivo de estabelecer um contraponto entre a filosofia e a história romanceada de Loreley e Ulisses. Estudou-se ainda parte da Bíblia Ave Maria. E do livro *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2003), que aborda teorias sobre símbolos, uma vez que UALP é uma obra com muitas metáforas.

## 3. Embasamento teórico

*Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, escrita no ano de 1969, é uma obra ímpar, assim como sua escritora. De maneira paradigmática, Clarice cria um enredo sobre os namorados Loreley e Ulisses, um protótipo de *personas* nunca antes desenhado por Lispector, ao tratar do Amor.

Nessa narrativa, há uma grande história de amor, longe da antiga fórmula romântica. Sob um caráter introspectivo, essa ficção provoca no leitor uma profunda reflexão acerca das relações amorosas, particularmente, no que se refere a uma diferente maneira de interpretar o relacionamento homem-mulher. Loreley, a protagonista desse enredo clariciano, mostra-se uma mulher insegura, mas que, no desenrolar da trama, demonstra uma bravura de Zeus<sup>4</sup>, diante das provações e insucessos. Isso porque o seu amadurecimento parece ser um objetivo quase inacessível, pois, ela se considerava um impedimento para si mesma.

---

<sup>4</sup> Zeus foi o deus do céu, do raio, do trovão. Ele foi e continua sendo o maior deus da mitologia grega.

Conhecer-se intimamente é extremamente complexo para a protagonista. Na narrativa, isso ocorre por meio de uma longa e árdua viagem internalizada da mesma em busca do seu Eu. Loreley passa pela *via crucis* de sua vida para alcançar o belo. De acordo com Dircimar Souza Silva, “[...] o belo é uma essência divina, ou ideia inteligível que pode ser evidenciado através da relação estabelecida entre o amor e a sabedoria” (SILVA, 2005, p. 01). Para essa estudiosa, o belo é um veículo para alcançar, experimentar e viver o amor. Durante sua aprendizagem, Lóri tem ao seu lado o sábio Ulisses. Ele, dotado de extrema sabedoria, age com ela com acentuada benevolência e, sobretudo, movido – por um sentimento nunca nutrido por mulher alguma – pelo amor.

Conforme falado anteriormente, Lispector cria um par romântico fora dos padrões da literatura romantizada. Agora, iniciando o estabelecimento de um contraponto, o amor vivido pelos personagens pode ser aproximado à concepção de “amor platônico” que, segundo SILVA (2011, p.61) “[...] este só pode ser pensado a partir de uma correspondência, de um movimento recíproco, que põe em jogo, necessariamente, amante e amado”. Ou ainda ao sentimento denominado “amor azul”. Se, para Jean Chevalier e Alain Gherbrant, “o azul é a mais **profunda** das cores: nele, o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo, perdendo-se até o infinito, como diante de uma perpétua fuga da cor” (CHEVALIER *apud* GHEERBRANT, 2003, p.107, grifo do autor) então, com a paixão azul se dá o mesmo. O amor enlaça ambos, o amante e o amado, na mesma teia, sem defesa ou razão.

Platão conceitua o amor como algo que mais aproxima os seres humanos do que é divino. A busca pela plenitude está intrinsecamente ligada ao amor vivido por Loreley e Ulisses.

Segundo o discurso de Aristofânes, os homens eram seres unidos dois a dois, independente do gênero. Tinham quatro pernas e quatro braços:

Depois da separação [provocada pelo ciúme e ira dos deuses], as metades ansiavam cada uma por sua metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. (PLATÃO, 1972, p. 21-22).

Sempre na busca pela metade, cada um de nós, portanto, é uma tésseira complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois, eles vivem em busca da sua outra metade.

Loreley e Ulisses estão numa tentativa de viverem um amor epifânico, em que ambos fazem o exercício de se enxergarem um no outro, no reconhecimento da sua outra metade e, ainda assim, serem apenas um.

Muitos outros estudiosos conceituaram o amor, dentre eles Aristóteles. Este considerou que o amor é a união de dois corpos, mas formado por uma única alma. Este aforismo ilustra claramente que a visão do filósofo sobre o amor está também ligada à alma. Logo, no sentido de que a alma é eterna, o amor, segundo ele, além de inseparável, também é eternizado. Diferentemente de outros teóricos, tal como segundo SCHMIDT *apud* SCHÖNECKER:

Kant entende o amor, em primeiro lugar, como constante biológica. A esse contexto pertence o amor erótico, o amor “no sentido mais estrito da palavra”. [...], em segundo lugar, no contexto da amizade. Em terceiro lugar, [...], como uma predisposição de ânimo moral (amor complacentiae). Em quarto lugar, o amor no contexto dos assim chamados deveres de amor. A mais importante forma de amor nesse contexto é a caridade entendida como amor benevolentiae. (2017, p.04).

Conforme visto, dentre os quatro tipos de amor defendidos por Kant, o mais importante deles é o “Amor benevolente” (caridade prática). Em suma, este significa cuidar do próximo (pai, amado/amante, filhos, pessoas desconhecidas, etc), sem exigir nada em troca.

O filósofo ainda estende o conceito de Amor por meio da Teoria do Cuidado (SCHMIDT *apud* SCHÖNECKER, 2017), como a própria nomenclatura apresenta. Esta está intrinsecamente ligada ao exercício de cuidar. Todavia, diferentemente da benevolência anteriormente dita, esta teoria refere-se a cuidar de algo ou alguém específico.

Outrossim, a teoria kantiana muito se difere da teoria platônica acerca do amor, o que não impede que haja semelhança entre elas. Se, em Kant, o amor é dividido em pluralidades, em Platão há a relação daquilo que Camões<sup>5</sup> definiu como “[...] amor é fogo que arde sem se ver”. Ainda existe outra diferença, Platão considera haver um laço indissociável entre a Alma e o Amor. Enquanto Kant não faz nenhuma associação entre eles. Assim, a única semelhança consiste basicamente que o amor promove o bem ao (s) outro (s).

Breves são os apontamentos sobre *O Banquete*, nesta seção. Esta obra platônica é constituída por diálogos entre alguns filósofos que fazem elogios ao amor por meio do discurso oral. Platão inicia a obra com uma conversação entre Aristodemo e um companheiro, cuja identidade não é revelada. O companheiro pede para que Aristodemo lhe conte sobre o que se passou naquela noite do banquete e quais foram os assuntos discursados. Aristodemo aceita a empreitada de lhe narrar tudo o que fora dito pelos oradores<sup>6</sup>, na ordem de apresentação: Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristofânes, Agatão e, o mais esperado dentre todos, Sócrates. Vale ressaltar que, embora haja elementos interessantes nos outros discursos, o enfoque deste estudo se dará acerca das ideias expostas por Sócrates. Entende-se que as demais concepções apresentadas em *O Banquete* objetiva somente realçar, por meio do contraponto, as afirmativas socráticas sobre o Amor.

Para Sócrates, o amor não é só o belo, assim como para Agatão. Sócrates defende a ideia de que o amor busca o bem e o belo. O belo em Platão é um estado de transcendência do homem. É ele que conduz o ser à plenitude da sua condição

---

<sup>5</sup> Ver Camões, s.d, s.p Amor é fogo que arde sem se ver,/é ferida que dói, e não se sente;/é um contentamento descontente,/é dor que desatina sem doer. [...].

<sup>6</sup>O espaço em que se passa *O Banquete* é a casa de Agatão. Fedro, o pai da ideia, inicia o discurso em elogio ao amor. Os filósofos acima mencionados conceituam a origem e essência de Eros, cada qual a sua concepção. Fedro diz que o amor é o mais antigo e honrado dentre os deuses e, sendo ele o mais antigo, é ele o causador dos maiores bens. Em seguida, inicia Pausânias que critica o discurso anterior. Para ele, não existe apenas um amor, e que ‘sem Amor não há Afrodite’. Pausânias diz haver duas Afrodites e, portanto, dois tipos de amor: o amor de Urânia (popular/corpo/matéria), e o amor de Pândemia (espiritual/alma/transcendência). Já Erixímaco, tal como para Pausânias, admite existir o amor para o bem (sadio) e o amor para o mal (mórbido). Sendo, todavia, não aceitável se corromper por esse último tipo de amor. De acordo com Aristofânes, o amor é ainda um enigma para o homem. Em sua defesa, o amor estaria ligado ao mito da alma (busca incessante da outra metade), pois somente assim o belo seria alcançado. Agatão mensura que onde há o amor não existe o feio.

humana. Nesta sequência, o Amor quando praticado com decência é uma poderosa arma para combater aquilo que é feio (ruim), pois é ele provedor do bem.

#### 4. Resultados obtidos

Os estudos empreendidos – acerca da formação do eu feminino na obra *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, sob a ótica do amor platônico – revelou que, antes de mais nada, essa narrativa vem tratar de questões existenciais, sobretudo, sobre a vida interior da protagonista mulher, Loreley.

Nesta revisão bibliográfica, pode-se observar que várias são as áreas do conhecimento que tratam do fenômeno metafísico de amar. Por exemplo, o livro *O Banquete* que, na concepção de Platão sobre o amor, revela ser este um exercício, cujo alcance se dá imprescindivelmente por meio do belo incorpóreo. O belo admite ser um estado de transcendência, que conduz o ser humano ao grau mais elevado do seu ser e de seu entendimento (estado de nirvana). Deste modo

Platão, através do discurso citado por Sócrates, busca demonstrar que o amor verdadeiro surge em virtude da manifestação do belo, - que é uma essência; uma beleza divina que coincide com o bem. Portanto, o verdadeiro amor consiste no desejo racional de conhecer o bem verdadeiramente puro; é o amor de Eros, -“o delírio inspirado pelos deuses”, no qual o homem, tomado por esse sentimento ama e deseja alcançar a sabedoria, ou seja, as essências imutáveis. (SILVA, 2005, p.02).

Já *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de acordo com a crítica literária, é uma obra composta de misticismo, da bela psiqué e de mitologia. É ainda uma narrativa de continuação que,

Ao mesmo tempo em que Lóri se aventura no caminho da busca da identidade e da liberdade, Clarice Lispector mergulha em sua escrita a fim de construir o universo clariciano usando sua voz, suas obras próprias. (LIN, 2015, p.96).

Desta forma, quem sabe, a autora não pretendia por meio do ficcional realizar-se em Loreley, como mulher que ama, e desejaria ser amada de acordo com seus sonhos: “conseguir o impossível, só o impossível [...] importa [...] — que um dia [...] pudesse mencionar sem se vangloriar — é que chegara agora a poder amar” (LISPECTOR, 1998, p.27).

Assim, levando em consideração que, em suas obras anteriores, suas personagens femininas são malogradas e infelizes no amor, qual será o diferencial



da protagonista de UALP que foi recompensada com o final feliz e predestinada ao amor platônico? Ao conjecturar tal questão, este estudo pretendeu analisar a obra *O Banquete*, a fim de compreender se o amor traduzido por Clarice Lispector na obra *corpus* deste trabalho aproxima-se ao “Amor platônico” ou não.

Em análise, Loreley e Ulisses ilustram perfeitamente a teoria do encontro de almas em Platão, discursado por Aristofânes. Ambos buscam pela sua metade, e se enxergam um no outro. Há indubitavelmente no romance uma união de almas gêmeas que pode ser compreendido pelo fragmento a seguir: “Não encontro ainda uma resposta quando me pergunto: quem sou eu? Mas acho que agora sei: profundamente sou aquela que tem a própria vida e também a tua vida. Eu bebi a nossa vida” (LISPECTOR, 1998, p. 87). Depois de toda leitura da obra, depreende-se que a vida de Loreley antes de conhecer Ulisses faltava algum sentido. E, ao lado do seu homem, ela agora via significado para viver, para se entregar de corpo e alma e chegar à epifania:

Era noite cada vez mais escura e chovia muito. [...] Lembrou-se de como era antes destes momentos de agora. Ela era uma mulher que procurava um modo, uma forma. [...] Depois que Ulisses fora dela, carnalmente [grifo nosso] ser humana parecia-lhe agora a mais acertada forma de ser um animal vivo. (LISPECTOR, 1998, p.148-149).

Como se sabe, o tema amor é um assunto inesgotável, tanto no sentido de conceituá-lo, como na tentativa de expressá-lo em essência por meio das artes.

Esta obra clariciana cumpre esse papel quanto à discussão sobre o amor na sua concepção mais plena, o encontro de indivíduos que têm seus destinos cruzados, de tal forma:

Fora então que Ulisses aparecera casualmente na sua vida. [...] você estava esperando um taxi e eu, [...] simplesmente abordei você com um começo de conversa qualquer [...], ofereci-lhe levá-la no meu carro para onde você quisesse [...]. (LISPECTOR, 1998, p.40-50).

Na narrativa, Lóri, antes de conhecer Ulisses, vivia num faz-de-conta, num mundo de futilidades. Entretanto, ao conhecê-lo e passar por um árduo processo de formação do seu Eu, a protagonista começa a enxergar a vida de forma diferente, de modo que “[...] através do grande amor de Ulisses, ela entendeu enfim a espécie de beleza que tinha. [...] que nada e ninguém poderia alcançar para tomar [...]” (LISPECTOR, 1998, p.149). Esta personagem feminina encontra-se agora transbordando de amor. E não podendo apenas possuir o bem, que decorreu do

Eros, somente para si, ela tinha que compartilhar esse sentimento com outros. Num episódio, a fim de fazer o bem, Loreley compra roupas de frio para seus alunos, que são crianças e a maioria de baixa renda. O amor experimentado e multiplicado deveria ser compartilhado, e uma dessas ações era estar fazendo o bem ao próximo:

Seguiu-se um longo e tenebroso inverno, [...] eram crianças quase que na maioria pobres e não tinham agasalhos suficientes. Lóri usou a mesada do pai para comprar para cada criança de sua classe um suéter grosso de lã [...] Então usou a outra mesada do pai e procurou — com que prazer andava pelas lojas procurando até achar — e procurou e comprou para todos os alunos e alunas de sua classe, guarda-chuvas vermelhos e meias de lã vermelha” (LISPECTOR, 1998, p. 100-101).

Concluindo, tanto a obra de Clarice Lispector como *O Banquete*, de Platão, o qual magnificamente compreende que,

Amor é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens. [...] Aquilo que, com efeito, deve dirigir toda a vida dos homens, dos que estão prontos a vivê-la nobremente, eis o que nem a estirpe pode inculcar tão bem, nem as honras nem as riquezas, nem nada mais, como o amor. A que então que me refiro? À vergonha do que é feio e ao apreço do que é belo. Não é com efeito possível, sem isso, nem cidade nem indivíduo produzir grandes e belas obras. (PLATÃO, 1972, p. 15).

Em decorrência, pode-se compreender que, em ambas as teorias, o ser humano e, mais amplamente, o mundo necessitam forçosamente do amor para que haja mais felicidade e evolução da humanidade.

## 5. Discussão

Na obra *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, é dito que Ulisses não tinha nada de filosofia para ensinar a Loreley. Contudo, é notória a presença do argumento filosófico. Na verdade, este perpassa por toda a ação romanesca no sentido de elucidar e elaborar uma concepção sobre o amor ideal e imortal.

A etimologia da palavra Amor vem do latim (*amare*) que quer dizer gostar de algo ou alguém, sentir afeição, desejo ou preocupação. Ocorre que o amor vivido por Lóri e Ulisses vai muito além desta definição. A discussão trazida pela autora sobre o amor é profunda, extraordinária, inerente ao ser humano. Todavia, parte da natureza humana não compreende o verdadeiro significado e as experiências que passamos por amor.

De acordo com o catolicismo, “Mas, acima de tudo, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição” (BÍBLIA, Colossenses, s.d, 1510). Sob este aspecto, o amor é o que há de mais importante, magnífico e perfeito. E que somente por meio deste se alcançará o reino dos céus. O conceito bíblico transmuda Deus em amor, e é por meio Dele que o ser humano será exaltado.

Conforme Elisa Silva (2011), Filosofia, do grego *philia+sophia*, que quer dizer amor ou amizade pela sabedoria. Este conceito está intrinsecamente ligado ao processo de humanização sofrido pelas personagens, sobretudo, por Loreley. A protagonista desse romance percorre um longo caminho em busca de se tornar um ser humano capaz de se compreender interiormente e de experimentar sentimentos transcendentais. Isto é, significar-se além do mundo sensível.

O mundo sensível, de acordo com a concepção platônica, é o mundo o qual a maioria das pessoas vivem, ou estão aprisionadas a ele. É o mundo claro, nítido, compreensível. Enquanto o mundo intangível refere-se àquele experimentado por Loreley e Ulisses.

O mundo intangível diz respeito ao que não se pode tocar, ao incorpóreo, claramente manifestado em:

A verdade, Lóri é que no fundo andei toda a minha vida em busca da embriaguez da santidade. Nunca havia pensado que o que eu iria atingir era a santidade do corpo. [...] Agora, no silêncio em que ambos estavam, ela abriu suas portas, relaxou a alma e o corpo, e não soube quanto tempo se passara pois tinham-se entregue a um profundo e cego devaneio que o relógio da Glória<sup>7</sup> não interrompia. (LISPECTOR, 1998, p. 148).

Claro que, para os personagens experimentarem o incorpóreo, ambos tiveram que sair das sombras da caverna<sup>8</sup>, para enxergar a luz do mundo. Era necessário

---

<sup>7</sup> O Relógio da Glória é um monumento brasileiro, encontra-se na Rua da Glória, no Rio de Janeiro. Foi inaugurado aos dias 15 de Abril de 1905. Existe até os dias atuais. Nesta ação romanesca, em que Lóri e Ulisses se entregam um ao outro, o Relógio da Glória tocava de quinze em quinze minutos.

<sup>8</sup> O Mito da Caverna, de Platão, em suma, apresenta que, havia no interior de uma caverna, alguns homens aprisionados, que só enxergavam o mundo lá fora e os homens por meio das sombras que uma fogueira refletia dentro da caverna, escutavam apenas rumores de conversas destes homens, até que, um destes homens que vivia dentro da caverna, conseguiu sair e enxergar o que havia do lado de fora, outros homens e o sol (luz). Por amor aos companheiros, este retorna à caverna a fim de compartilhar o que vira fora dela, todavia, por ignorância, os homens que viviam à sombra da caverna, não acreditaram na versão do companheiro, sendo ele taxado de louco, vindo a morrer assassinado pelos próprios companheiros. Os homens acabaram os seus dias dentro da caverna, na escuridão. Eles privaram-se de enxergar a luz do mundo.

enxergar-se e se enxergar um no outro, como se estivessem à frente de um espelho. Diante dessa ideia, provavelmente tenha surgido o dito popular: “os olhos são o espelho da alma”.

Esse confronto de entrelaçamento de olhares, aspirando cada qual pela luz que advém do outro, se deu quando: “[...] ele perguntou se ela queria que ele acendesse as luzes pois queria vê-la. Ela disse que sim. Então eles se olharam. Ambos estavam pálidos e ambos se acharam belos.” (LISPECTOR, 1998, p. 153). Belos, não no sentido de beleza estética, mas, enquanto ao belo intangível. Esse fragmento revela que Lóri não tinha nenhuma vergonha de estar nua à frente do seu homem, sobretudo, porque ela estava nua de corpo e alma. Despudorada, ela estava pelo fato de não mais encontrar-se às sombras da caverna que lhe enclausuravam aos seus complexos.

Loreley e Ulisses aprendem a amar um ao outro, movidos não pela beleza física e, tampouco pelo desejo sexual. Eles se amam porque antes de amar, eles se conheceram interiormente, profundamente. A convivência entre ambos não é um pesar ou obrigatória. Antes de tudo é necessária e salutar, não há como viver sem ou longe um do outro.

Platão conceitua o amor como algo que mais aproxima o ser humano do que é divino. Em seu livro *O Banquete*, Platão traz, por meio de diálogos, diversas formas de enxergar o que é o amor, dentre elas:

[...] é mau aquele amante popular, que ama o corpo mais que a alma; pois não é ele constante, por amar um objeto que também não é constante. Com efeito, ao mesmo tempo que cessa o viço do corpo, que era o que ele amava, “alça ele o seu vôo”, sem respeito a muitas palavras e promessas feitas. (PLATÃO, 1972, p. 23).

Nesse sentido, o amor platônico refere-se ao que é constante e eterno. Deste modo, aquele que ama apenas o objeto (corpo), cedo ou tarde alçará voo, pois o corpo é matéria e como coisa perecível não será eternizado. Enquanto quem experimenta do amor celestial, este (a) experimentará o amor de alma e corpo (amor verdadeiro). Se a alma é constante, tal como apresenta Cabral sobre a *Imortalidade da Alma em Platão*, a morte só atingirá a parte material (corpo), pois a alma não se dissolve.

Assim ocorre em UALP, Loreley e Ulisses não se amam devido aos seus atrativos físicos. Eles se amam pelo que cada um carrega em seu interior, no sentido mais terno, em suas almas. Para melhor ilustrar, por meio de um diálogo entre Loreley e Ulisses: “Comigo você falará sua alma toda, mesmo em silêncio. Eu falarei um dia minha alma toda, e nós não nos esgotaremos porque a alma é infinita” (LISPECTOR, 1998, p. 49). Logo, a concepção de alma apresentada por Lispector se assemelha à concepção de Platão. Os personagens deixam claro um para o outro que, por se amarem de alma e corpo – sendo a alma eterna – o amor vivido por eles também é. Contudo, a morte ainda estava à espreita. “E sabemos que só a morte de um de nós há de nos separar” (LISPECTOR, 1998, p.150). Mas que, durante vasta investigação, após Lóri questionar-se sobre a suposição de que a morte poderia causar atordoamento a sua vida e a de Ulisses: “[...] a resposta foi que nem a ideia de morte conseguia perturbar o indelimitado campo escuro onde tudo palpitava grosso, pesado e feliz. A morte perdera a glória” (LISPECTOR, 1998, p. 149).

Segundo Platão, para que o ser humano ame, é preciso que este conheça e experimente o belo, pois o belo é o veículo para chegar até o amor, no sentido de que, “Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do aqui é belo [...]” (PLATÃO, 1972, p. 48). Nesta sequência, em *O Banquete*, Platão mensura que o Belo consiste na sabedoria mais elevada do ser humano em enxergar o que de fato é beleza (não estética). Sobre tal assunto, segundo o filósofo, “[...] a beleza que está nas almas deve ele considerar mais preciosa que a do corpo [...]” (PLATÃO, 1972, p. 48).

Conforme citado acima, fica evidenciado que, para que o amor verdadeiro floresça, o caminho consiste em conhecer, experimentar e executar as virtudes do belo, que por sua vez “[...] é uma essência; uma beleza divina que coincide com o bem [...]” (SILVA, 2005, p. 02).

Ainda sobre a construção do Eu feminino na narrativa, esta ocorre mediante um árduo processo de humanização de Loreley. Nessa trajetória de constante aprendizagem, na busca do desconhecido, Loreley diz a Ulisses: “[...] existe um

grande, o maior obstáculo para eu ir adiante: eu mesma. [...] — Sou um monte intransponível no meu próprio caminho” (LISPECTOR, 1998, p. 53). Isso, porque a protagonista pouco conhece de si mesma, enclausurando-se dentro de um amontoado de empecilhos dentro de si.

Desta forma, não era possível que Lóri se realizasse como mulher, sobretudo, como ser humano. Também não era possível se entregar de corpo e alma ao amado enquanto ela desconhecesse a sua própria existência, o sentido de viver.

Trazendo a trajetória dos personagens claricianos para a concepção platônica, Loreley assume o papel de aprendiz, de amado, enquanto Ulisses assume o papel de sábio, de amante.

Ela parte numa jornada em busca da plenitude, e é neste contexto que Ulisses, o professor de filosofia surge em sua vida. Ao passar por um longo processo de formação e re/conhecimento, ela pôde dizer: “eu existo”, pois, “para Lóri, a atmosfera era de milagre. Ela havia atingido o impossível de si mesma.” (LISPECTOR, 1998, p. 155).

A aprendizagem inicia a partir da noite em que Ulisses atraído por Lóri, lhe oferece uma carona quando esta encontrava-se numa esquina a espera de um táxi. De súbito “Ele, que se interessara por Lóri apenas pelo desejo” (LISPECTOR, 1998, p.40) — embora não a considerasse tão atraente —. Ao conhecê-la mais intimamente, Ulisses diz à Lóri que só a terá em seus braços quando ela estivesse verdadeiramente pronta, pois a queria de corpo e alma e que à esperaria quanto tempo fosse preciso para ela sentir-se livre para amar e se entregar. Ulisses então propõe uma aprendizagem que se desenvolve, mediante um processo árduo de humanização da protagonista.

Ao iniciar o jogo de aprendizagem e sedução entre o casal, Ulisses mais experiente propõe a Lóri uma sequência de ações e reflexões, a fim de que ela pudesse conhecer a si própria. Em UALP, a paciência e compreensão de Ulisses

são de grande importância para a formação do Eu feminino da obra. Entretanto, o mérito maior é da própria protagonista que assume a sua aprendizagem por meio do autodidatismo, pois é ela quem decide se a história será “Uma Aprendizagem” para se conquistar “O livro dos Prazeres”, ou se será somente este último.

Durante toda a narrativa, Lóri vive uma longa viagem internalizada para se encontrar e afirmar a sua existência. Todavia, além da crise de identidade, ela experimenta também uma acentuada crise de sexualidade ao se considerar inferior a outras mulheres e pouco atraente para Ulisses. “Enfrentar cada uma das crises de forma produtiva aumenta a saúde mental. Deixar de lidar adequadamente com elas contribui para desajustes posteriores” (LINDA, 2001, p. 463). Sair da sua cidade natal é o início da jornada de transformação de Lóri. Era preciso distanciar-se dos desmandos patriarcais e machistas do lugar de onde viera.

Para se libertar de seus complexos, só o mergulho no mais profundo de sua alma foi capaz de romper com as correntes que lhe prendiam a cólera de existir, sofrimento que nem ela sabia de onde adivinham, pois

[...] por alguma decisão tão profunda que os motivos lhe escapavam — ela havia por medo cortado a dor. Só com Ulisses viera aprender que não se podia cortar a dor — senão se sofreria o tempo todo. (LISPECTOR, 1998, p. 40).

Suas feridas foram sendo cicatrizadas de forma lenta, com idas e vindas, certezas e dúvidas. Lóri vive em ambivalência:

De Ulisses ela aprendera a ter coragem de ter fé — muita coragem, fé em quê? Na própria fé, que a fé pode ser um grande susto, pode significar cair no abismo, Lóri tinha medo de cair no abismo e segurava-se numa das mãos de Ulisses enquanto a outra mão de Ulisses empurrava-a para o abismo — em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que a empurrava, e cair, a vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre. (LISPECTOR, 1988, p.32).

Antes de conhecer Ulisses, Lóri havia desistido de viver e estava sobrevivendo num faz de conta. Ela não sabia o que era alegria, nunca havia amado um homem. Aprisionada às angustias, temores e complexos, a protagonista se via num abismo. Contudo, com as “aulas” do sábio Ulisses, ela passou a sentir tudo aquilo que outrora era inalcançável, e ao dizer “eu sou Eu”, sabia que estava pronta. A vida exigia a sua entrega maior assim como exigiu de Clarice Lispector uma liberdade maior para escrever UALP.

Ainda nesta sequência, “A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano.” (LISPECTOR, 1998, p. 32). Nesta ação romanesca, Lóri parte em busca da sua identidade e luta incessantemente para “tornar-se um ser humano”, não perfeito, mas completo em sua essência.

Enfim, Lóri parte para o encontro com Ulisses, que a esperava com rosas espalhadas pela casa. Devidamente pronta, eles se entregam um ao outro em êxtase, e neste ato de doar e receber, ele a pede em casamento.

Ele sofria de vida e de amor, para ela “ a atmosfera era de milagre”. Naquele instante eles eram um só.

[...] eu sinto como se tivesse enfim mordido a polpa do fruto que eu pensava ser proibido. [...] Mas não há sordidez em mim. Sou pura como uma mulher na cama com o seu homem. Mulher nunca é pornográfica. [...] — Qual o meu valor social, Ulisses? O atual, quero dizer. — O de uma mulher desintegrada na sociedade brasileira de hoje, [...] Você acha que eu ofendo a minha estrutura social com a minha enorme liberdade? — Claro que sim, felizmente. Porque você acaba de sair da prisão como ser livre, e isso ninguém perdoa. O sexo e o amor não te são proibidos. Você enfim aprendeu a existir. E isso provoca o desencadeamento de muitas outras liberdades, o que é um risco para a tua sociedade. (LISPECTOR, 1998, p. 151-154).

Em sua plenitude, a literatura clariciana transcreve para as letras as confluências estereotipadas pelas pessoas “reais”, sobretudo as vividas por mulheres.

## 6. Conclusão

Em suma, tratar de amor como tema de investigação foi um deleite extraordinário. *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector e *O Banquete*, de Platão, são obras sublimes, de um aprofundamento brilhante acerca da condição humana enquanto ser em constante formação e sobre o Amor.

Ao desenhar belamente o par romântico da obra *corpus* deste trabalho, Loreley e Ulisses, Clarice Lispector apresenta uma narrativa, cujo amor é o tema central. Assim sendo, o Amor então vivido pelos dois está ligado intrinsecamente ao Amor tratado por Platão, em *O Banquete*.



Constata-se que o amor apresentado por Lispector é o encontro de almas mensurado por Aristófanes, em *O Banquete*. Caracterizando a busca incessante do Ser em busca da sua metade. Reflete também a visão de Sócrates sobre o amor, que este está no centro de tudo, nem à margem direita nem à margem esquerda, mas, como bem conceituou Guimarães Rosa, o Amor e a Loucura estão numa terceira margem. O amor, então está num entrelugar, nem é quente e nem frio. Ele tanto pode ser o empoderamento feminino, como ser ponderação da mulher. Por fim, não há fórmula para amar, nem verdade absoluta quanto a sua origem ou essência. Para saber o que é o Amor, só amando e sendo amado. Portanto, a proporção, a intensidade e a intenção de Amar será individual.

Ao término desse artigo, chega-se a conclusão de que o amor é ascese, um fenômeno abstrato que, para entendê-lo, é preciso primeiro vivê-lo e não o inverso. Não obstante, ainda que o viva e o experimente, não o entenderá, pois, o amor é um fenômeno extremamente complexo, que foge da condição humana tentar materializá-lo na sua perfeição.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA DA AVE MARIA. São Paulo: Ave Maria, 2012. p. 1510.

CABRAL, João Francisco Pereira. “**Imortalidade da alma em Platão**”; Brasil Escola. S.d. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/imortalidade-alma-platao.htm>>, Acessado em 30 de agosto de 2018.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 14-15, 46-47, 53, 107, 593.

LIN, Ma. **A Formação da Mulher em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. 109f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Crítica Literária) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, São Pulo. 2015. Disponível em <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270071/1/Ma\\_Lin\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270071/1/Ma_Lin_M.pdf)>, Acessado em 21 de Maio de 2018.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Victor Civita, 1972.

\_\_\_\_\_. **O mito da Caverna**. S.d. Disponível em <[http://imagomundi.com.br/filo/mito\\_cave.pdf](http://imagomundi.com.br/filo/mito_cave.pdf)> Acesso em: 10 de Agosto de 2018.

SCHMIDT, Elke Elisabeth, SCHÖNECKER, Dieter. **O amor em Kant e na filosofia analítica**. 2017. 19f. International Journal of Philosophy, N. 05, pp. 75-93, Universidade de Siegen, Alemanha. Disponível em <<https://www.contextoskantianos.net/index.php/revista/article/view/220/229>>, Acessado em 13 de setembro de 2018.

SILVA, Dircimar Souza. **A relação entre o amor e o belo segundo Platão**. 2005. 04f. Artigo (Ciências Humanas, Estética e Artes) – Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal de São João Del-Rei, 2005. Disponível em <[https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1\\_Edicao/A%20relação%20entre%20o%20Amor%20e%20o%20Belo%20segundo%20Platao%20Dircimar%20Souza%20Silva.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1_Edicao/A%20relação%20entre%20o%20Amor%20e%20o%20Belo%20segundo%20Platao%20Dircimar%20Souza%20Silva.pdf)>. Acessado em 10 de Agosto de 2018.

SILVA, Elisa Martins Oliveira. **Amor, Belo e Escrita a partir do diálogo Fedro de Platão**. 63f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2011. Disponível em <[http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_5022\\_Elisapdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5022_Elisapdf)>, Acessado em 30 de agosto de 2018.

TURNER, Jonathan H. A. **Sociologia Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Pearson Education, 2000. p. 01-73, 111-133, 179-209.

CÂMPUS POSSE - GOIÁS  
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO  
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO  
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

**FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA**

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

( ) Projeto de Pesquisa

(x) Artigo

Declaro que a acadêmica, **Maria Gabriela Lima Gomes** realizou, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada do Artigo, estando apto a depositá-lo, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

(X) Concluído e finalizado (redigido e digitado).

( ) Em fase de conclusão (indicar o que está faltando).

( ) Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).

(X) Realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.

( ) Não realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.

( ) Trouxe o Artigo finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

---

---

Posse/GO 05 de novembro de 2018.

*Paula Helena de Azevedo*

Orientadora

CÂMPUS POSSE - GOIÁS  
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO  
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO  
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

## DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaro para fins documentais que o meu Artigo científico apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês do Câmpus Posse/GO, - Universidade Estadual de Goiás-UEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou no exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Trabalho de Curso II (TC II).

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse/GO, 05 de novembro de 2018.

  
Acadêmica

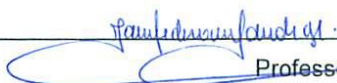
CÂMPUS POSSE - GOIÁS  
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO  
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO  
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

**DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA**

Eu, Jane Adriane Gandra, professora de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa do Artigo, Curso de Letras Português/Inglês da acadêmica Maria Gabriela Lima Gomes, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse/GO, 05 de novembro de 2018.

  
\_\_\_\_\_  
Professora

Professora: Jane Adriane Gandra

Endereço: Rua Jesus José de Almeida, QD. 48 Lt. 07-b, Setor Augusto José Valente,  
Posse/GO, CEP 73900-000

Telefone fixo: (62) \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Celular: (62) 98260-4219